KLAXON

mensário de arte moderna

São Paulo

2

JUNHO 15 1922

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

S. PAULO — Rua Direita, 33 - Sala 5

ASSIGNATURAS – Anno 12$000

Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda
Rua S. Salvador, 72-A.

FRANÇA — L. Charles Boudovin (Paris).

SUISSA — Albert Ciana (Genebra) Rampe de la Treille, 3

BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia —
Avenue d'Amèrique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus collaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscriptos. — São nossos agentes exclusivos para annuncios os srs. Abilio Nobre Cruz e Antonio da Costa Boucinhas.

SUMMARIO

Sarah

I

Entrou. Sentou-se a um canto. Ninguem poz-lhe reparo. Mas o mestre, que limpava modelos velhos, descobriu-a e perguntou-lhe :

— Que vieste fazer aqui?

Respondeu:

— Vim desenhar.

E elle compreendeu que ella não era como os outros e indagou que preferia desenhar.

— Um torso.

Deram-lhe um pedaço de papel. Mas pediu uma folha muito grande. Não havia folha bastante grande. Então uniram varias sobre uma prancha; e ella começou a desenhar um torso. Mas o torso era tão grande que não cabia no papel. Pouco importava, porque era bello.

E o mestre perguntou:

— Onde aprendeste anatomia?

— Que é anatomia?

— O estudo dos musculos, disseram-lhe.

Compreendeu e lembrou:

— Ora! vi tantas vezes as gallinhas que corriam quando lhes levava milho; e meus musculos tambem, ao me banhar no rio...

E todos a amaram e lhe disseram que voltasse a desenhar. Respondeu que não tinha dinheiro. Mas o mestre acariciou-lhe os cabellos e disse:

— Aqui não se paga.

II

Voltou todos os dias. Sentada a um canto desenhava torsos, mas belos e puros.

Uma vez chegou-se ao mestre e disse:

— "Me" corte os cabellos?

Elle, sorrindo:

— Nunca fiz isso, mas vou tentar.

E com uma enorme thesoura enferrujada cortou-lhe os longos cabellos negros, que tombavam mortos, em torno della.

Quando acabou, ella disse:

— Sinto-me bem. Obrigada.

E partiu, feliz, a nuca fresca.

III

Chegou-se para nós e fallou:

— Não posso voltar mais. Estou sem sapatos.

Mas um dos rapazes lembrou:

— Tenho tres irmãos menores. As botinas do mais velho talvez te sirvam. Trarei um par usado.

Trouxe-lho. E ella continuou a vir diariamente, com os cabellos cortados e botinas de menino.

IV

Fiz annos.

Todos no meu quarto. Ella entrou e entregou-me uma reproducção de Gangin, dizendo :

— Dou-te isto.

Beijeia-a; depois perguntei onde achará dinheiro para comprar o presente.

— Posei cinco dias, murmurou.

Quando voltei para São Paulo não chorou. Mas, ao beijar-me, seus labios tremiam.

VI

Escreveu-me. Sobre a pagina branca havia:

"Tenho
duas cerejas uma para mim
outra guardo-a para
ti."

Só. Para que mais?

VII

Um dia, no atelier, recordavam-se de mim. E ella disse:

— Quero ir vel-o no Brasil.

Mas o mestre contou-lhe que era muito longe o Brasil. Tão longe que não sabia calcular quanto tempo gastava para lá ir.

Então um rapaz muito pallido e magro fallou:

— Sei sommar; e vou fazer a conta.

Sentaram-se todos em roda. Puzeram deante d'elle uma folha de papel; mas como a somma era muito comprida pegaram uma grande folha de papel.

E o rapaz muito pallido e magro sommou dia por dia quanto tempo ella precisava para vir ao Brasil. Quando a somma estava prompta uma alumna que tinha nariz de trombeta aconselhou:

— Ponha dois dias para as dores de cabeça.

E o rapaz muito pallido e magro ajuntou mais dois dias para as dores de cabeça e annunciou que era preciso caminhar dois annos e dois dias para vir ao Brasil.

Mandaram-me o resultado da somma. Não mandaram todo o calculo, porque era muito grande.

VIII

Espero-a. Sei que virá.

IX

Sarah!...

RUBENS DE MORAES

3

MISERE

aluons l'épicier du coin
car toutes les platitudes sont légères
sont légères

Des amis m'offrent l'apéro

IRONIE

Inconscience des bourses pleines
qui croient qu'on dîne tous les jours
Mais je danse le soir au bar
et je tends la main au patron
et je m'intéresse à la politique internationale
et le Ministre du Japon
me prend souvent
pour le danseur de la maison

Je remonte le fleuve intérieur
l'eau sale se purifie
Trop encaissé
redescendons

AVANT APRÈS

Je crains la mort
le néant
Est-ce possible
Tous les moyens sont bons
Passons

Chambre sarcasme
Le tuyau de la pipe
devait passer
par ce trou bouché
avec du papier
Egoût des escaliers

klaxon

4

40 francs par mois
changement de décor
Il y a une alcôve où tu viens
et une chromo qui te fait sourire
Je n'aime pas que tu ouvres ta bourse

Tous les cerisiers sont en fleurs
un bruit de ferraille qui tombe
et c'est un pont et c'est Reignier

ICI FINIT LA MISÈRE MISÉRABLE

Beaucoup de jeunes filles sous les sapins
Je m'habille convenablement
Elles aiment que je leur dise l'avenir
d'après la forme et le goût
de leurs lèvres
C'est une immense comédie
je veux écrire aussi un D. Juan
et l'abandon de l'une
est l'abandon de toutes
Geste sec
Pli des lèvres
Non je n'ai pas de remords
Cette âme soeur voudrait changer
ma destinée
me purifier
me simplifier
Bah je connais toutes les ficelles

ICI J'AI REVU
L'ESCALIER QUI MONTAIT
TUNNEL

vers une cave hypothétique

k l a x o n

ON ME PREND ENCORE

pour un millionnaire américain
avare

Dans une cabine à six places
avec dans la tête
tout le soleil du nouveau monde

et des expédients inavouables

SERGE MILLIET.

TEMPESTADE

Principio de tarde. Carnaval no céo.

Mascaras negras, mascaras brancas,
mascaras cinzentas,
o sol experimenta todas as mascaras,
até que se esconde sob uma dellas
e não apparece mais.

Desvairamento invisivel.

Serpentinas de relampagos
atravessam o espaço.
E atraz dos montes longinquos,
mãos imponderaveis, mãos pobres
procuram em vão recolhe-las.

Serpentinas, mais serpentinas!

E as nuvens rapidas
agitam-se tanto,
tão nervosamente,
que já não têm mais forças.

Pobres braços desarticulados,
braços cançados,
descendo sem querer

E a chuva fria cae, cae longamente,
cheia do perfume das folhas lustrosas,
cheia de ether, vaporosa,
cheia de céo.

E a chuva fria cae, cae docemente,
cada vez mais calma, cada vez mais fria,
até morrer

E o magro céo, branco como um palhaço,
ergue e começa a arquear sobre a cidade
o arco-iris alegre e violento,
sob o qual vae passar triumphalmente,
nos cavallos lustrosos da noite,
o prestito invisivel dos astros.

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO

O AEROPLANO

Quizera ser az para voar bem alto
Sobre a cidade de meu berço!
Bem mais alto que os lamentos bronze
Das cathedraes catalepticas;
Muito rente do azul quasi a sumir no ceu
Longe da casaria que diminue
Longe, bem longe deste chão de asphalto...

Eu quizera pairar sobre a cidade!...

O motor cantaria
No amphitheatro azul apainelado
A sua roncante symphonia...
Oh! voar sem pousar no espaço que se estira
Meu, só meu;
Atravessando os ventos assombrados
Pela minha ousadia de subir
Até onde só elles attingiram!...

Girar no alto
E em rapida descida
Cahir em torvelinhos
Como ave ferida...

Dar cambalhotas repentinas
Loopings phantasticos
Saltos mortaes
Como um athleta elastico de aço

O ranger rascante do motor...
No amphitheatro com paineis de nuvens
Tambor...

Se um dia
O meu corpo escapasse do aeroplano,
Eu abriria os braços com ardor
Para o mergulho azul na tarde transparente...
Como seria semelhante
A um anjo de corpo desfraldado
Azas abertas, precipitado
Sobre a terra distante...

Riscando o ceu na minha queda brusca
Rapida e precisa,
Cortando o ar em extase no espaço
Meu corpo cantaria
Sibilando
A symphonia da velocidade...

E eu tombaria
Entre os braços abertos da cidade...

Ser aviador para voar bem alto!

LUIS ARANHA.

DI·CAVALCANTI

Sapere
se i sensi della femmina
vibrano con lo stesso ritmo nostro
o, se rispondono, inerti e domi,
alle incessanti provocazioni
della languida voluttà.

Consacrare
nel tran-tran della vita diuturna
l'attimo eccelso che segnò
la rigogliosa nascita
di un sentimento che non muore.

Afferrare
la prima lucciola dell'illusione
e vivere con essa
finchè essa viva in noi
nella sua fase celestiale.

E gridare allora
che il signore sei del tuo destino.

VIN. RAGOGNETTI

Notas sobre o "Humour"

Meu caro amigo:

Tenho necessidade de dizer-lhe que não concordo com alguns topicos do seu artigo sobre o humour. Sei perfeitamente que você não pretende impôr, com um qual ou tal dogmatismo, uma theoria definitiva sobre assumpto tão controvertido. E' preciso a gente ter excesso de imaginação para acreditar que está fazendo cousas definitivas...

O processo de derruir com vituperios e mófas uma theoria qualquer, sem préviamente determinar-lhe as fragilidades e as incoherencias, é muito commodo, porque poupa o trabalho cerebral. Entretanto, a todo instante vemol-o empregado e dahi a semcerimonia com que certas creaturas rotulam de sandeus e obliterados aquelles que rezam por outra cartilha, e não estão accordes com as massudas metaphysicas que fabricam. E não raro logram adeptos daquillo que com tanta empafia alardeiam. Explicavel este phenomeno: no mundo ha pouca gente capaz de um *contrôle* sobre as ideias alheias e as proprias. A maioria é bôba; não recebe ideias, antes estas é que lhe são impostas; o artificio do "quem não acceita isto é parvo" resulta decisivo para ella. E esta maneira de catechese espiritual é mais commum do que geralmente se pensa.

Quando você contesta a classificação de humourista dada a Camillo por Alcides Maya, funda se no temperamento fervoroso e crente do tremendo pamphletario e diz: «falta ao autor da *Queda de um anjo* a conformidade, o reconhecimento risonho da inutilidade da revolta, tão commum aos humouristas".

Entretanto, não ha negar, Camillo escreveu paginas humouristicas. Como explicar, consoante o seu modo de ver, consistente em considerar a ideia do nada como fundamento do humour, — esse phenomeno tão interessante? Si não póde haver humour sem essa obsessão nihilista, como explicar as paginas humouristicas de Camillo? A sua theoria está agora embaraçada como a menina que ouve, pela primeira vez, uma declaração de amor... Fica vermelha e emmudece...

O erro inicial, o erro de quasi toda gente está em confundir o humour, expressão de um estado transitorio do espirito, e a concepção humouristica do universo.

Quem lê os humouristas, de todos os tempos e logares, ha de notar que os seus processos de expressão são sempre os mesmos. Tratam, em tom jocoso, de assumptos reputados os mais graves, e, contrariamente, fallam de modo apparentemente sério de nonadas, de corriqueirices. O trecho de Swift que v. transcreve é um exemplo frisante. Ora, esses artificios, são susceptiveis de cópia e ha quem com elles jogue com habilidade extrema, com o fito unico de obter o flagrante, o contraste, o inesperado, fazendo a graça zimbrar como uma flécha de ouro.

Assim, o humour póde ser uma attitude arbitrariamente assumida, não sendo o resultado de uma concepção de vida. Si a tristeza se manifesta por meio de determinados traços phisionomicos, não se segue dahi que, cada vez que encontramos numa pessoa esses traços, esteja ella realmente triste. A capacidade de simular é grande, assim no rebanho humano como nas outras especies animaes. Sem simulação não teriamos theatro, nem joias as mulheres, nem bemaventurança uma porcentagem elevada de maridos...

Camillo que tão desabaladamente gesticulava e que, como um vulcão, despejava lavas de injurias sobre seus contemporaneos, Camillo, o pamphletario, o satyrico, o mordaz, tambem tinha seus momentos de repouso e approuve-lhe brincar alguns segundos com algumas prezas, já que estava farto de sacrificar centenas. Camillo não possuia a concepção humouristica do universo. O seu

espirito, bellicoso e aggressivo, não sabia reduzir os *valores* sociaes, antes, augmentava-lhes a virulencia, de tal modo que uma alfinetada doia-lhe como um golpe de punhal. Camillo dá a ideia de um furacão destinado a desfazer um castello de cartas, que um simples sopro bastaria para derruir...

Isso não impediu que fizesse humourismo. Mas essa flôr tão clara e fragil appareceu, na sua obra, prisioneira num gradil de espinhos. E tão perdida e timida está ella nesse entrelaçamento de aculeos, que a gente crê a flôr não nascida da arvore, ou que é então um espinho disfarçado...

E' por isso que eu julgo Camillo um satyrico e não um humourista. Chegámos á mesma conclusão, você e eu, mas por diverso caminho. Você não o classifica ao lado de Machado de Assis, porque acha que elle não fez humour. Eu digo que, apesar de ter feito humourismo, não tem a concepção humouristica do universo (que é essencialmente sympathica, embóra sceptica). Não, é, portanto, rigorosamente um humourista.

Mas em que consiste essa concepção humouristica do mundo? Ella se caracteriza pelo facto do individuo descobrir, a custa de uma analyse arguta e constante, o que ha de falso, de artificial, de impostura, de inadaptação, nas attitudes mais sublimes e nos gestos apparentemente os mais sérios; ao mesmo tempo que um sentimento de profunda sympathia ou piedade enche o espirito do observador, de modo a impossibilitar revoltas e invectivas. Da constancia dessa analyse resulta a obsessão da mesquinhez humana: vêmos constantemente no fructo mais apetecivel o caruncho minaz e repellente. Entretanto, em vez de atirarmos fóra o fructo, guardamol-o com maior carinho. Dahi a asserção de que o humour é destituido de espinho ,uma postura eminentemente sympathica apesar de sceptica: *«on voit la valeur de l'object à travers son petit côté»*, diz Hoffding.

Como se exprime essa concepção? Naquella maneira literaria denominada humourismo: sempre o contraste, o imprevisto e tantos outros processos, já devidamente catalogados.

Ao lado dessa concepção humouristica das relações humanas, resultante de um trabalho intellectual que notou as contradicções, fraquezas, incoherencias e inadaptações, não só nas attitudes e praticas humanas, como nas theorias mais transcendentaes (logo um scepticismo generalizado, acompanhado de sympathia); existe a disposição humouristica transitoria — a intelligencia arguta descobrindo, em dado momento, uma fraqueza, contradicção ou inadaptação qualquer, sem contudo produzir imprecação ou revolta.

Portanto, para haver humour, não é necessario a ideia de que tudo no mundo é vaidade, de que tudo é egual a zero. O certo é que muitos humouristas são completamente scepticos e outros não. Os primeiros descobrem que os fructos mais puros são bichados, mas nem por isso o deitam fóra, porque, si assim procedem, morrer de fóme. Os outros descobrem a podridão em certas cousas, só em certas cousas. Têm uma concepção humouristica parcial do universo.

Mas tanto o humour do absolutamente sceptico, como do parcialmente sceptico, como do accidentalmente sceptico, encerram em si os mesmos elementos caracterizadores — o riso (proveniente de uma contradicção, etc.) acompanhado de sympathia para o seu objecto. O que se exige para o humourismo é uma intelligencia arguta, malleavel, elastica, e, sobretudo, uma grande bondade.

Agora, para finalizar, uma historia:

Supponha você um possante deus de bronze, olhos que fulminam, busto eril e pleno, musculos inchados sob a pelle escura, como grossas raizes sob a terra; que recebesse sacrificios de seus fieis, em vinho, em sangue, em mel e carne humana. Nos dias de festa o deus profere vaticinios. E as prophecias sahem de seu labios de bronze, como sons de sino numa torre. Mas na trazeira do monstro divino ha uma portinhola, por onde um sacerdote entra, curvado, e desapparece. Esse bonzo é quem, cavilosamente escondido no deus ventrudo, alimenta a crendice popular, roncando-lhe augurios tenebrosos.

Ora, aquelle que, dentre o povo, desco-

brisse a alicantina sacerdotal, faria o papel que o humourista faz no nosso tempo. Pois que é que fazem os humouristas, perspicaz amigo? Nada mais, nada menos que agarrar pela fralda o insinuante sacerdote e deduzir dahi que o gordo e amoravel deus é inerte como uma mumia de Pharaó.

Imagina, depois dessa descoberta, no meio da multidão reverente e pasma, o homem malicioso que uma vez surprehendeu o sacerdote esgueirando-se, como um rato sonso, na barriga do monstro!

Elle está num posto evidentemente superior. Viu o lado de dentro — o embuste, a fraude, o artificio; vê o lado de fóra — a reverencia, o respeito, a genuflexão.

A flagrancia desse contraste faz nascer a flôr clara e tremula de um sorriso nos seus labios.

Aqui resumo as proposições principaes sobre humour, desenvolvidas no bojo desta carta massante:

a) O humour póde ser uma disposição transitoria do espirito. Facto familiarmente verificavel e muito vulgar. Existe tambem, accidentalmente, na literatura não humouristica. Em geral se exercita sobre factos communs e corriqueiros, prestando-se, por sua natureza, á mófa dos observadores. E', por assim dizer, a especie grosseira do humour, em contraposição áquella que se exerce sobre factos que, para o commum dos homens, são elevados e graves.

b) O humour póde resultar de uma concepção humouristica do universo: uma intelligencia altissima a descobrir fragilidades, mesquinhezas, inadaptações nos gestos, attitudes e conjecturas humanas; ao mesmo tempo que não impreca, nem se revolta, por existir um laço de funda sympathia entre o sujeito e o objecto. Muitos dizem que a ausencia de espinho no riso humouristico provêm da convicção de que tudo é zéro e vaidade no mundo. Isto póde muito bem ser. O sentimento do vasio universal coexiste em muitos humouristas. Mas ha muitos delles para os quaes nem tudo é vão, nem tudo é nada. Ao contrario, uma confiança forte e persistente é que faz nascer melhor a bondade, aniquiladora de revoltas. Veja-se este trecho de Hoffding: "Il peut se développer (o sentimento do ridiculo) de manière a devenir une disposition fondamentale, une manière de comprendre la vie, qui a sans doute un oeil ouvert sur ce que le monde présente de borné, de douloureux, d'insignifiant et de discordant, et qui met tout cela en un vif contraste avec ce qu'il offre de grand et de considérable, mais qui cependant a dominé toute amertune par sa profonde sympathie pour tout ce qui vit, *et par sa ferme confiance dans les puissances qui règnent dans la nature et dans l'histoire*".

c) Por qualquer face que se encare o humour, como expressão de um estado transitorio ou de uma concepção de vida, sempre ha nelle, como seus elementos formadores, uma descoberta da analyse intellectual que vê o lado mesquinho de uma cousa ao mesmo tempo que está unido ao observador por um laço de funda sympathia. O riso que vem dahi é um espinho.

Quando Carlyle diz que "o humour verdadeiro, o humor de Cervantes e de Sterne procede mais do coração do que do cerebro", parece fazer uma distincção entre duas especies de humour: o verdadeiro e o falso. Mas a intenção de Carlyle é outra: elle pretende distinguir o riso sympathico, sem fel nem espinho, do riso antipathico e acerbo. Só o primeiro constitue o humour. O outro não passa de uma reacção do individuo contra seu semelhante ou o seu meio e se exprime na satyra, no epigramma etc. Este é, por assim dizer, passivo, dependente, escravo. O humour é independente, livre, activo.

Por isso todos riem de D. Quixote mas não ha ninguem que o não ame. Anatole France, referindo-se a Rabelais, diz que é um dos seus caracteristicos "chérir ceux dont il se moque".

d) O humour não é uma consequencia forçada de uma visão nihilista do universo. Haverá livro mais desolante do que o Ecclesiastes? Entretanto elle não tem nada de humouristico.

A. C. COUTO DE BARROS.

Chronicas

GUIOMAR NOVAES

I

(PIANISTA ROMÁNTICA)

A grande e jovem escola de piano de São Paulo produziu já duas artistas admiráveis que podemos, sem temor, colocar á mesma altura de qualquer virtuose estrangeiro actual: a senhora Rudge Miller e a senhorinha Guiomar Novaes.

Agradável e fácil seria um paralelo entre ambas. Nada menos trabalhoso do que salientar a antítese violenta que entre elas existe. Uma: caráctêr severo, tipo clássico, diríamos cerebral; e, por todas essas qualidades dominantes ,intérprete exacta dos clássicos ou dos post-românticos. Outra: pianista romántica na mais total significação do termo, vibratibilidade impressionável á mais fina cambiante da sensação.

Infelizmente Antonieta Rudge Miller não poude continuar como representante das nossas possibilidades artísticas no estrangeiro. Mais infelizmente ainda nem aquí se faz ouvir. Grande pena! A extraordinária intérprete, com a continuação dos seus concertos, seria dum benefício eficaz para o desenvolvimento do espírito musical paulista.

Estamos ainda em pleno romantismo sonoro; e Chopin é o soluçante ideal de todas as nossas pianeiras. A senhora Rudge Miller seria o único mestre possível dêsse auditório; capaz de imporlhe Debussy e Ravel — musicos que já representam um passado na Europa e que inda mal são percebidos pela nossa ignara gente.

Guiomar Novaes — certamente maior como genialidade — não preenche essa falta. Artista já universal, não pode imobilizar-se nêste polonorte artístico que é o Brasil; e, caracteristicamente romántica, não representaria com eficácia êsse papel de mestre que educa.

Insisto em chamar á senhorinha Novaes de pianista romántica.

Combarieu, procurando na Itália musical os influxos do romantismo alemão, eslavo e francês, salienta a figura de Paganini, a quem denomina: "violinista romántico". Mas, para mim, o que induziu o célebre historiador a essa classificação foi muito mais a lembrança da vida do endiabrado génio que o espírito de sua obra e os seus meios expressivos. O grande italiano, afinal, nada mais faz do que continuar, no violino, as tradições do bel-canto, já então desnaturado com a decadéncia da escola napolitana.

Paganini transporta para seu instrumento, exagerando-a porventura (e nisso ha realmente romantismo) a virtuosidade suntuosa dos alunos de Caffaro ou de Porpora. O próprio Liszt, moço, com ouvir Paganini, transforma apenas sua técnica pianística. Chopin, e principalmente Berlioz é que darão ao autor de Mazeppa o enderêço espiritual do romantismo.

A Guiomar Novaes cabe, com muito mais exactidão, o epíteto de "pianista romántica" Encarna, até mesmo sob o ponto de vista da liberdade ás vezes desnorteante com que se observa a si mesma (no Preludio, Coral e Fuga, no Carnaval, em Minstrels, em Scarlatt) toda a estesia do romantismo.

Não cabe agora uma explicação em regra do que entendo por romantismo. Palavras elásticas estas: classicismo e romantismo! E' meu dever porém explicar porquê considero a senhorinha Novaes uma pianista romántica.

Em primeiro lugar: não é necessário provar a decisiva simpatia que ela dedica aos compositores románticos. Chopin, Schumann e Liszt formam o núcleo dos seus programas. Inda mais: nestes músicos a grande intérprete sente-se á vontade. E' sempre maravilhosa, sempre perfeita. Já o mesmo não se dá quando executa clássicos ou modernos. Falo dos que são **espiritualmente** modernos. Sem dúvida nêstes Guiomar Novaes é sempre interessante. Por mais que uma interpretação sua contraste com o espírito dum autor ou dum trecho, ela interessa sempre, atrái e encanta. Mas não comove nem entusiasma como quando executa a Barcarola ou a Dansa

dos Duendes. A êsse prodígio de graça que é a "Pastoral" de Scarlatti, por exemplo, ela consegue dar um **dinamismo** perfeito, mas não uma **interpretação** integral. Falta-lhe o senso do equilíbrio e da medida a que os românticos deram uma elasticidade incompatível com o espírito dansante e protocolar do seculo 18.

O mesmo se dá com o misticismo de Cesar Franck. Guiomar Novaes, estou certo disso, interpretaria genialmente os trechos religiosos de Liszt; mas no "Prelúdio, Coral e Fuga" não é perfeita. Entre o misticismo do **abade** Liszt e o misticismo de Franck ha uma distinção cabal que explica perfeitamente o romantismo da nossa **grande** artista. Liszt é um religioso dos sentidos. **Franck**, um católico intelectual. Liszt sofre e resa. Franck pensa e prêga. Não creio que por isso se possa dizer que Liszt seja mais **humano**; mas podemos verificar que êle é mais sentimento, ou milhor: mais **sentidos**. A sensibilidade finíssima de Guiomar Novaes, a sua impetuosidade apaixonada levam-na a milhor realizar a mesma impetuosidade, a mesma dor sem **contrôle** que o misticismo romántico realizou.

E o que digo do misticismo, poderia glosar para todas as demais paixões.

Todos os artistas afinal (exceptuados aqueles que, por um prêconceito infecundo, procuraram abafar o próprio eu) uns mais discretos, outros mais derramados, todos os artistas expressaram sua sensibilidade e fizeram reflectir nas suas obras as circunstáncias passageiras em que existiram Bach, Beethoven, Verdi como Schumann, exprimiram, antes de mais nada, sua **maneira de sentir**. A afinidade de Guiomar Novaes e dos românticos não está em procurarem êstes e aquela expressar a sensibilidade que possúem. E' mais subtil do que isso. Os románticos, entregues ao delírio de viver **pelos sentidos**, traduziram, mais do que o próprio eu interior, um eu de sentidos, si me poderei assim explicar, um eu livre de **contrôle**. Vejo neles uma realização toda sensual, toda exterior. Para êsses artistas de 1830 o julgamento da inteligéncia, na criação da obra de arte, realizava-se tão sòmente sob o ponto de vista da beleza formal.

A senhorinha Novaes apresenta, quer interprete Scarlatti, quer Rachmaninoff, as mesmas tendéncias románticas que acima demonstrei. E, embora admirável num estudo de Scriabine, embora atraente numa fuga de Bach, é sempre em Schumann, Liszt e especialmente Chopin que atinge sua maior fôrça de expressão.

Foi por isso que, antes de mais pormenorizadamente estuda-la como intérprete e virtuose (o que farei num segundo artigo) insisti em proclamar a senhorinha Guiomar Novaes uma pianista romántica.

MARIO DE ANDRADE

A POESIA JAPONEZA CONTEMPORANEA

Admiram-nos frequentemente os progressos rapidos e prodigiosos da civilisação japoneza nos ultimos cincoenta annos. Entretanto, si tentassemos estudar cuidadosamente a poesia japoneza, maravilhar-nos-hiam as transformações profundas que se produziram num tempo muito menos curto, pois que a evolução só começou ha uns vinte e cinco annos mais ou menos.

Não é, com effeito, senão por 1895 que a poesia japoneza despertou, sahindo da especie de somno lethargico em que estivera mergulhada até então.

Este movimento produziu-se em todos os generos poeticos: Tankas, Hai-kais e Shin-tai-Shi. Os velhos poetas só cantavam themas universaes e gastos, numa linguagem caduca e em fórmas estabelecidas das quaes não podiam se afastar. Dir-se-hia que todos os poetas respiravam uma mesma atmosphera poetica, de maneira que os poemas se pareciam muito, qualquer que fosse o objecto tractado, sem que se manifestasse qualquer differença de temperamento dos autores.

A poesia era uma especie de prisão; e foi em derrubar essa bastilha suffocante que se empenharam os promotores do movimento litterario que hoje continúa.

Mas, nesse admiravel paiz do Sol Levante, as cousas vão mais depressa que em outra parte, de sorte que os primeiros novadores foram rapidamente suplantados pelos mais novos, que não tardaram em consideral-os perfeitamente "vieux jeu", activando o movimento com uma velocidade vertiginosa.

Foram, com effeito, os jovens que supprimiram a linguagem convencional poetica por varios seculos empregada, para substituil-a pela linguagem falada, corrente, que é em summa a verdadeira lingua japoneza, a que melhor traduz toda a vida desse povo que soube, em tão pouco tempo, collocar-se entre as grandes potencias do mundo. E', pois, na mudança radical dessa linguagem empregada em poesia que consiste a revolução, que, a principio, foi muito mal acolhida pelos meios academicos e officiaes, onde tudo, a despeito do progresso, permanecia affectado e convencional.

Pouco a pouco, porém, essa especie de ostracismo acabou por ceder lugar a uma certa benevolencia para chegar emfim á acceitação completa do que se reconheceu poesia verdadeira, unica susceptivel de dar emoções sinceras aos que comprehendem a vida actual.

NICO HORIGOUTCHI.

ESCOLAS & IDÉAS

(Notas para um possivel prefacio)

Roger Ávermaete em extensão. Toda arte realista, interpretativa, metaphysica.

A unica arte excellente — a que fixa a realidade em funcção transcendentai.

O pessimo = a interpretação = Romantismo. Vejam o ruim de Shakespeare, o ruim de Balzac. Zoia inteiro. José de Alencar inteiro. Coelho Netto inteiro.

O Eu instrumento não deve apparecer. Estabelecer a metaphysica experimental. Tinham razão os bons naturalistas. A' morte o Eu estorvo, o Eu embaraço, o Eu pezames. Mal de Maupassant e de Fiaubert — unilateralidade. Desconheceram o imperativo metaphysico.

Os grandes — Cervantes, Dante, depois dos gregos que primeiro fixaram a realidade em funcção da eternidade = O SEGREDO.

Os gregos, depois dos prophetas. Todos, precursores e futuristas, na mesma medida da Relação.

Derivou d'ahi uma lei de escolha, fazendo entrar para artistas, mais gente.

Quem attingiu, attingiu. E seleccionar nos enormes, nos genios. Saber ver os que fizeram, na arte, como Aristoteles, como Thomas de Aquino, como Kant. Sempre na medida da Relação, na medida do Segredo. "Por cima de mim, o estreliado ceu; a lei moral dentro de mim." Somma: Methaphysica + Realidade = Luz. Licht, mehr Licht! A suggestão dos assumptos = toda a historia do mundo = toda a historia do Exilio = A Divina Comedia, Fausto.

A suggestão dos poemas definitivos — O livro de Job, Prometheu, Edipo, Hamlet, A tempestade, Dom Quichotte, Brand e Peer, As Flores do Mal.

Bemdictos os que reagiram contra a Interpretação — Rimbaud, Lautréamont, Apollinaire e a Corja até Cendrars, Soffici, Ronald, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Luiz Aranha — "O Homem e a Morte", "Soror Doiorosa", Ribeiro Couto inedito e Serge. Antonio Ferro geniai.

E Juan Gris, pelo processo, pelo "round", pela raiva provocada nos interpretadores de bois. Bemdictos, Brecheret, Malfatti, Di Cavalcanti. Avermaete, exacto, descobrir. Pedro Alvares Cabral sem acaso.

Definir mais ensinar, berrar. Tres pinturas. Não só. Tres maneiras de arte. Realista, Interpretativa, Metaphysica. Fóra a interpretação! Lei da Metaphysica Experimental: Realisar o infinito.

OSWALD DE ANDRADE.

LIVROS & REVISTAS

"A Mulher que peccou" — por Menotti del Picchia — Editores: Monteiro Lobato & Cia. — S. Pauio.

Mais um livro do nosso admirável colaborador. KLAXON é parco de elogios. O novo livro de Menotti del Picchia assim julgamos: Dos milhores da literatura brasileira.

A figura de Nora é uma figura humana. Move-se como poucas outras da ficção nacionai. Geralmente, tem-se a impressão, ao ler romances nacionais, que as personagens são percebidas por nós por um binóculo em que se olha ás avessas. Nós vemos Nora. Sentimo-la. Agora mesmo sentou-se a meu lado. Menotti del Picchia é um criador.

Como lingua: virilidade, expressão, beleza. Imagens luxuriantes. Repetições. Adjectivação sugestiva. Descrições magníficas. Poesia. Eis uma página genial:

"O crepusculo ardia, phosphoreo, no occidente. Como uma theoria processional de phantasticos trapistas, nuvens enormes acompanhavam á cova do poente, o cadaver do sol. Havia uma extranha pompa fúnebre, no alto, como no enterro dum deus. Da outra banda do ceu, a noite, que subia, ganhava o zenith cor de cobre. Estendia, morosa, a tapeçaria macabra da treva, pregando-a com taxas de estrellas, como se armasse uma gigantesca camara ardente. E vinha uma lua muito triste chorar luz nessa noite de luto..." Menotti del Picchia é um artista.

M. A.

Renato Almeida — "Fausto" — Edição do Annuário do Brasil.

Renato Almeida com este "Ensaio sobre o Problema do Sêr", fortalece a aita posição que lhe cabe entre os moços do Brasil Novo. Grande erudição. Linguagem nítida. Clareza de conceitos. Estuda a finalidade humana, relaciona a nossa dependência para com o Supremo Motor, prègando a redempção pela fé. Paira sobre a energia da sua demonstração, tal sôpro de sentimento e de piedade, que lhe faz da obra, sobre scientífica, immensamente lírica. E' preciso ler Renato Almeida.

Farias Brito... Jackson de Figueiredo... Renato Almeida...

Está chegando o dia em que o Brasil, em vez de celebrar centenários de fantasmas, proclamará a sua Independencia.

V. L.

De Antuerpia (Belgica) chega-nos ás mãos o numero de Março ultimo de "LUMIÉRE", orgão representativo do novo pensamento belga. No summario. o que ha de bom: Roger Avermaete, Bob Claessens. Charles Cros, Guilherme de Almeida, Armand Henneuse, Andreas Latzko, Serge Milliet, Marcel Millet... Bellas gravuras em madeira, assignadas por Walter Grammaté e pelos flamengos Henri van Straten, Joris Minne e Jan Cantré. Grande espirito de selecção. direcção graphica notavel.

"LUMIÉRE" precisa ser lida.

* * *

Editado por "LUMIÉRE". o curioso desenhista Van Straten lança um album de gravuras em madeira: "LA DORMEUSE. Como todas as publicações que sáem da grande revista editora, o poema sem palavras do artista flamengo é amostra brilhante do moderno espirito belga. Seis estampas soltas. Um thema arrojado. tratado com uma linda liberdade. Van Straten é realista. mas de um realismo de sonho. Os detalhes que commenta e que em outros seriam brutaes, parecem sempre bellos pela espiritualidade que lhes accrescenta. Grande força synthetica. Primitivismo adoravel.

CINEMAS

DO RIO A SÃO PAULO PARA CASAR

A empresa Rossi apresenta uma tentativa de comedia. Applausos. Transplantar a arte norte-americana para o Brasil! Grande beneficio. Os costumes actuaes do nosso paiz conservar-se-hiam assim em documentos mais verdadeiros e completos que todas as "coisas-da-cidade" dos chronistas.

Photographia nitida, bem focalizada. Aquellas scenas nocturnas foram tiradas ao meio-dia, com sol brasileiro... Filmadas á tardinha. o rosado não sendo photogenico, a producção sahiria sufficientemente escura. Isso emquanto a empresa não conseguir filmar á noite.

O enredo não é máu. Fôra preciso extirpal-o de umas tantas incoherencias.

A montagem não é má. Fôra preciso extirpal-a de umas tantas incoherencias.

O galã, filho de uma senhora apparentemente abastada, por certo teria o dinheiro necessario para vir de Campinas a S. Paulo. A sala e o quarto de dormir da casa campineira brigam juntos. Aquella burguesa, este pauperrimo. Accender phosphoros no sapato não é brasileiro. Apresentar-se um rapaz á noiva, na primeira vez que a vê, em mangas de camisa, é imitação de habitos esportivos que não são nossos. E outras coisinhas.

E' preciso comprehender os norte-americanos e não macaqueal-os. Aproveitar delles o que têm de bom sob o ponto de vista technico e não sob o ponto de vista dos costumes. Artistas regulares. Pouco photogenicos. Porque não usam pó de arroz azul? De quando em quando um gesto penosamente ridiculo... Num film o que se pede é vida. E' preciso continuar. O apuro seria preconceito esterilizante no inicio de empreitada tão difficil como a que a Rossi Film se propõe.

Applauso muito sincero. Seguiremos com enthusiasmo os progressos da cinematographia paulista.

R. DE M.

THE KID — Charles Chaplin

A obra magistral de Carlito, vae ser representada em S. Paulo. Trabalho marcando uma era. Jámais foi attingido interpretativamente o grau registado ahi. Passa da alçada commum do film. Vemos onde pode chegar o cine e como elle deve ser. **"The Kid"** é integral, harmonico com a época. Nelle Chaplin, por sua vez, está na culminancia da sua arte.

Chegou magistralmente ao fim da evolução de que dera mostras desde **"O Vagabundo"**: Carlito artista, director, enscenador, creador de um genero inteiro novo, interprete ainda nunca visto; e acima de tudo immensamente humano. Ao seu lado, o pequeno Jackie Coggan produziu sensação. A critica européa, em geral pouco indulgente para com o cine yankee, foi unanime em elogia-lo. Sua apparição na téla, devida a Carlito director, e seu jogo scenico é simplesmente prodigioso. Assim, entre outros, disse J. G. Boissiére, autoridade na materia.

Em synthese: The Kid é uma revelação.

LUZES E REFRACÇÕES

Na Academia Brasileira de Lettras, a respeito do monumento a Machado de Assis, o sr. Afranio Peixoto lembrou "os dois maiores escultores brasileiros: Bernardelli e Correia Lima."... Nosso querido Graça Aranha aparteou: "E porque não Brecheret?". O sr. João Ribeiro: "Quem é Brecheret?" Respondemos: Victor Brecheret é um escultor paulista actualmente em Paris. Seus trabalhos **tambem** são aceitos no Salão de Outomno. Varias revistas do Rio já reproduziram obras suas. A "Eva" descansa nos jardins do Anhangabahú. Brecheret é tão forte artista que, em vez de **copiar** a natureza, **crea** tirando ape-

nas da natureza a causa primeira da inspiração. Mas é preferivel que o sr. João Ribeiro continue a ignorar Brecheret. Este naturalmente não faria do genio de Braz Cubas um retratinho em que se enumerassem todas as rugas e cabellos — único processo estético capaz de commover a languida saudade endinheirada dos srs. academicos.

* * *

Ribeiro Couto em "O Mundo Literario" n. 1: "Uma literatura á parte — principalmente quando ella é a vasta literatura paulista — significa: uma nação em marcha, a surgir. O que me parece inteiramente inquietante." Tambem tu, amigo! Até agora, acossados por um temor sentimental, eram os irmãos dos outros Estados que nos lembravam de quando em quando as ideas de São Paulo independente e de separatismo. Agora, comtigo, até os proprios paulistas que estão fora do Estado, principiam a **alimentar** em nós essas idéas. Desolador! Mas não te lembras do fundo sulco de indignação que arou a sociedade paulista quando o sr. João Ribeiro disse de nós as maravilhas, unicas que poderiam brotar na parca phantasia desse academico? O paulista, é verdade, tem orgulho de ser paulista. Mas o bahiano tambem se orgulha de ser bahiano. São Paulo progrediu devido, em grande parte, á terra mansa que Deus lhe deu. A Bahia permittiu que suas laranjas fossem constituir uma das riquezas da California. A culpa é de São Paulo? E seria justo que cruzassemos os braços na penuria, só para ficarmos eguaes a um ou outro irmão? Assegura-te, amigo: os paulistas são brasileiros e **querem** ser brasileiros. E' preciso e justo porém que os demais brasileiros não nos venham lembrar mensalmente uma idéa pretenciosa que **poderia** assim fructificar. E que fructos amargos então para São Paulo, para o Brasil!... Brasileiros, não plantai grão pérfido na terra roxa! Cuidado, que a terra é boa!

* * *

João de Talma, lá d'"O Imparcial", não sabe fazer uso dos seus dentes. Contemplando KLAXON, em vez de sorrir (de prazer ou ironia, pouco importa), arreganha-os com exaggerado odio.

Deante da capa tão alegremente moderna da revista, confessa "ter a impressão de que se trata da engenhosa réclame de um purgativo energico." Ainda bem que elle o perceba: para ficarmos livres dessa alimentação pesada que ha 30 ou 40 annos os nossos actuaes academicos vêm cozinhando para nós (e que ainda satisfaz o paladar complacente e o estomago de ferro do sr. Talma), só mesmo com o uso constante de taes medicamentos.

* * *

Andamos mal de bellas-artes. A inauguração do Indio Pescador de Leopoldo Silva, dando ensejo a falsas interpretações do artigo subsequente de Raul Polillo. Polillo contra os avanguardistas?

Nós não somos contra Leopoldo e Silva, principalmente depois do notavel tumulo Melchert, na Consolação. E' a melhor — a unica — obra de arte da Necropole, inundada das commerciaes proezas dos srs. Bernardelli, Starace, Zani.

Pollilo exagerou. E Rollo, o proprio Rollo por elle tão nobremente admirado? Acceitamos Rollo tambem. O grupo que encima a frente do Palacio das Industrias é soberbo. Rollo e Leopoldo e Silva são dois grandes artistas que nos honram.

Mas temos Brecheret. Brecheret é o genio, a exhuberancia, o insuperavel-lei.

A OBSESSÃO DO SABIO